

EDITORIAL

Há várias formas de resistência. Quando se pensa em quais modos de resistência a Filosofia pode exercer, pensamos em sua potencialidade que, entre tantas frentes, podemos citar agenciamentos, criticidade, desnaturalização de discursos que se pretendem perenes em suas diversas formas de autoritarismos como negacionismos e demais termos análogos. Atualmente, mais que um ataque à Filosofia ou às Humanidades, encontramos um ataque à Ciência, de modo amplo, geral e sistemático. Não nos enganemos! Este discurso possui interlocutores que estão mais próximos de nós do que imaginamos e com uma voz mansa e educada como a de Eichmann procuram minimizar gravidade da situação.

A participação das mulheres na comunidade filosófica brasileira, especialmente na Anpof, ou em GTs ligados à Anpof, demonstra a força não somente da Filosofia, mas da sociedade. Notemos que temas clássicos permanecem em eventos, mas novas abordagens ganham espaço, voz, enfim, visibilidade, como o **afroperspectivismo e o Ensino de Filosofia**, tema deste dossiê.

Não podemos negar que a condição pandêmica tornou nossos contatos físicos menos intensos e, em muitos casos, inexistentes. Entretanto, o distanciamento criou outras formas de aproximação. Não foi um distanciamento espontâneo, foi um distanciamento solidário e estratégico, a fim de que, responsabilmente, considerando as condições sanitárias e as políticas ineficazes no Brasil, pudéssemos, paulatinamente, retornar a uma realidade semelhante à anterior. Não se trata de novo normal, pois o normal é a expressão dos afetos, das discussões, das discordâncias, dos debates e demais diálogos que a filosofia nos proporciona.

O GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* realizou entre os dias 15 e 19 de outubro de 2019, em São Luís do Maranhão seu *VI encontro Nacional*, nas dependências da UFMA. Reuniram-se pesquisadores e professores do ensino superior que já se dedicam há anos ao Ensino de Filosofia, mas é importante lembrar que o encontro acolheu para estes debates professores da Educação Básica, integrantes do Pibid, Residência Pedagógica, PROF FILO e diversos mestrandos e doutorandos, notadamente, de Programas de Educação e de Filosofia. Importante notar que foi um período imediatamente anterior à pandemia e com pessoas de todas as regiões do país. A interface de conhecimentos que perpassou as apresentações não foi menor que a *philia*. Os afetos mostraram que a comunicação e o crescimento do *GT Filosofar e Ensinar a Filosofar* foram possíveis com a potencialidade de tais afetos, do reconhecimento do outro e do esforço do estar-com e ser-com.

A alteridade e a hospitalidade podem ser lidas em muitos textos agora publicados na *Revista Trilhas Filosóficas* cujo nome, providencialmente, aponta para materialização do *VI Encontro do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar*. Quantos percursos, quantas trilhas até São Luís! Quantos encontros! Tudo isso nos fez perceber que uma das formas de resistência da Filosofia se encontra em todo o percurso e este nos modifica e nos anima, cada um, dentro de sua subjetividade exercitando a abertura ao outro, mas com um ponto em comum: o **Ensino de Filosofia**. A diversidade das formas de abordagem desse ensino só enriqueceu o encontro e a cada um que dele participou.

Neste número, há artigos que foram apresentados em 2019 em São Luís, há textos que foram enviados à revista tendo em vista o tema deste dossiê. Emanuel Medeiros, no artigo que abre este dossiê, coloca uma questão muita cara a nós brasileiros e a todos os lusófonos. Aponta para o

EDITORIAL

crescimento da língua portuguesa e seu reconhecimento como uma língua científica cada vez mais, mas não deixa de refletir sobre a diversidade das línguas nas quais se podem expressar conceitos filosóficos e seus desafios, a partir de onde se fala. Não se trata, tão somente, de tradução, mas de uma compreensão conceitual que não exonera a didática e, portanto, o Ensino de Filosofia. Em seguida, investiga-se o agonismo em Nietzsche e este é apresentado e sistematizado como uma proposta educativa que colabora para a potencialização da democracia no Brasil. Para além de um conhecimento sobre Nietzsche, o artigo instiga questões atuais e urgentes. O terceiro artigo investiga o papel da história da filosofia no Ensino de Filosofia. A história é uma das referências, não a centralidade de abordagens exegéticas, por isso o artigo indica a possibilidade de temas e seus percursos a partir de uma discussão já clássica desde Kant e Hegel, mas que permanece contemporânea. O próximo artigo mostra como o paradoxo de trabalhar textos filosóficos e as orientações governamentais podem inviabilizar uma prática docente permeada pela responsabilidade para com a Educação. Trata-se, propõe o artigo, de uma leitura humanizadora que valoriza o texto, bem como a alteridade existente entre as pessoas na sala de aula, onde o processo de tradução é um processo de hospitalidade. A filosofia se apresenta de várias formas, vindo do não-filosófico ao filosófico.

O quinto artigo demonstra a potencialidade dos memes como gêneros textuais para o Ensino de Filosofia. Deleuze é, neste artigo, um interlocutor e o esforço das autoras é passar da não-filosofia, do cotidiano, ao conceito. Não se percebe, aqui, os memes apenas como forma de facilitação ou de distração em uma aula de filosofia, mas como um gênero textual muito importante e ainda pouco usado pelos professores de filosofia. No sexto artigo, o ensino de filosofia considera a realidade atual da pandemia a partir de Rawls, onde uma razão comunicativa no âmago do ensino e das relações sociais, especialmente no contexto pandêmico da COVID-19, pode levar a uma solidariedade entre as pessoas. O sétimo artigo reflete sobre a contribuição kantiana para o Ensino de Filosofia, especialmente em aspectos metodológicos. O oitavo artigo *Ensino de filosofia para surdos* convida o leitor a dois desafios: um, a tradução de conceitos filosóficos a estes sujeitos e, outro, a uma abertura, de fato, materializada com pessoas com deficiência auditiva. O artigo, nestes dois desafios, abre-nos possibilidades de pensarmos o Ensino de Filosofia em contextos que não são somente dificuldades sociais, mas diversas outras que existem e são invisibilizadas. Na sequência, o próximo artigo vai em uma direção que antecede metodologias e conteúdos. Ele mostra e demonstra como o reconhecimento é fundamental para o cuidado de si, dos outros e da comunidade e que isso é fundamental para pensarmos práticas de Ensino de Filosofia em constante construção, bem como a construção de si como docente. Este dossiê, em seu décimo artigo, deixa evidente a ligação com uma questão inerente no artigo que abriu o dossiê, a saber o filosofar e o ensinar filosofia e o exercício de filosofar em conjunto em língua portuguesa. Se no primeiro artigo, o outro professor de terras lusitanas chama à atenção que não é somente a língua, mas a vivência da mesma importantes ao Ensino de Filosofia, neste nono artigo, isto é explicitado, pois no Brasil, considera a trajetória política e filosófica de José Chasin. A contribuição do artigo vai além de lembrar o que para algumas viúvas do estruturalismo da década de 60 do século passado era importante e insere pensadores como Julio Cabrera, sua ética negativa, seu *Diário*, bem como novas práticas Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). Em uma feliz reflexão sobre se ensinar filosofia não somente em português, mas em terras brasileiras, como o primeiro texto aponta a diversidade de vivências e historicidades de uma língua, o ensino de Filosofia neste dossiê se inicia a partir dos Açores e transita em diversas experiências do Ensino de filosofia no Brasil perpassando diversas regiões e fazendo de nossa realidade objeto de reflexão filosófica, indo do particular vivido ao universal almejando, mesmo que este último fique no âmbito do desejo. O décimo primeiro e último artigo deste dossiê trata de experiências ocorridas no Programa de Iniciação à docência - PIBID em Caicó-RN. Tais experiências são baseadas em *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, de Jacques Rancière. O artigo salienta como se materializa a compreensão da lógica explicadora como sustentação de um sistema educacional emancipador.

EDITORIAL

Portanto, mais que comentar brevemente cada um destes artigos, o convite é à leitura atenta e à percepção da diversidade de abordagens que permitem, hoje, partilharmos estas reflexões. A publicação deste dossiê sobre Ensino de Filosofia é uma resistência a todos que de uma forma ou de outra negam o saber universalmente construído, reconstruído e em processo. Encontramos, aqui, uma resistência aberta à alteridade, sem negar sua identidade que se apresenta em torno do Ensino de Filosofia e de uma civilização que não abre mão do diálogo e dos embates a ele inerentes.

Boa leitura!

Prof. Dr. Alessandro Pimenta
Editor-Convitado Dossiê Afroperspectivismo e o Ensino de Filosofia
Coord. Do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar (2018-2020)